

| | | |
|--------------------------|-------|-------------|
| INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL | Data | Cod. |
| | 1 / 1 | Q.D. 011117 |

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
BOLETIM DO MUSEU DO ÍNDIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 5

NOVEMBRO, 1976

ARARIBÁ: UMA RESERVA INDÍGENA EM SÃO PAULO (*)

*Edson Soares Diniz (**)*

RESUMÓ — O presente trabalho visa apresentar uma visão da realidade encontrada no Posto Indígena Araribá, no Estado de São Paulo, e do processo de integração entre as comunidades indígenas Terena e Guarani e destas com os elementos da sociedade regional.

I — *Introdução*

Araribá localiza-se em Avai, nas proximidades de Duartina (1), municípios incluídos na área geográfica abrangida pela Sétima Região Administrativa do Estado de São Paulo (ver mapa n.º 1). Os preparativos para sua organização tiveram início em 1910, logo após a fundação do Serviço de Proteção aos Índios, quando foi visitada

(*) Comunicação apresentada à X Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Salvador (Bahia), de 22 a 25 de fevereiro de 1976.

(**) Professor Antropólogo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).

(1) A pesquisa de campo foi iniciada em julho de 1972 e se prolongou intermitentemente, até fins de 1974. As etapas de trabalho ocorreram nos períodos de férias escolares e, esporadicamente, em feriados e fins de semana. Agradecemos à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, que financiou a fase preliminar do trabalho de campo; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que garantiu financeiramente a investigação; à Fundação Nacional do Índio, que permitiu nossa entrada e permanência na Reserva.

pelo então coronel Rondon. Sua instalação ocorreu em princípios de 1911, sendo regulamentada em 1913. Aí já viviam indivíduos *Guarani* que haviam chegado, em fins do século passado, ao "sertão de Bauru". Depois de instalada a "Povoação Indígena", a eles juntaram-se outros, provenientes de várias localidades. Na década de 1930, por iniciativa do órgão protetor, foram trazidos alguns *Terêna* que hoje se constituem na maioria dos habitantes da Reserva.

Nesta comunicação procurar-se-á mostrar o processo de interação entre os dois grupos indígenas (2) e destes com os regionais.

II. O Ambiente: Caracterização Geral

A Sétima Região Administrativa do Estado de São Paulo, sedida em Bauru, abrange três sub-regiões: Bauru (20 municípios), Lins (8 municípios) e Jaú (10 municípios). Sua extensão é de 16.226 km², o equivalente a 6,5% da área total do Estado (ver mapa n.º 2). Situa-se entre os meridianos 48º e 50º longitude a oeste de Greenwich e os paralelos 21º 30' e 23º latitude sul. Limita-se com as Regiões Administrativas de São José do Rio Preto, ao norte; Ribeirão Preto a nordeste; Campinas a leste; Sorocaba ao sul; Marília ao sul e sudoeste e Araçatuba a oeste.

Bauru se constitui num importante entroncamento ferroviário, posição que lhe conferiu uma situação excepcional. Em termos de relações comerciais, tornou-se elo de ligação de uma vasta zona agropecuária que além do Estado de São Paulo, atinge o sul de Mato Grosso e o norte do Paraná. Todavia, ao lado de possibilitar o efetivo escoamento da produção dessas localidades, essa malha viária se prestou ao deslocamento humano da região para as novas frentes pioneiras. A configuração demográfica atual é uma síntese dos sucessivos movimentos que se fizeram, acompanhando as alterações da base econômica regional. Nos dias de hoje, dois elementos essenciais da dinâmica da população merecem destaque: a urbanização e o esvaziamento demográfico.

A região está localizada na zona recomendável ao plantio do café. Esta atividade foi fundamental para o povoamento e para a formação de mercados regionais, de vital importância no início do processo de industrialização de São Paulo. Graças ao fato de cons-

(2) Segundo RIBEIRO (1957: 35), "Indígena é, no Brasil de hoje, essencialmente aquela parcela da população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, em suas diversas variantes, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade de origem pré-colombiana que se identifica etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contacto."

tituir o principal tronco viário de São Paulo, a região de Bauru destacou-se como centro polarizador das novas áreas cafeeiras surgidas a partir de 1940, notadamente no que diz respeito ao sudoeste paulista e ao norte paranaense. Assim, devido ter sido povoada e vinculada ao processo produtivo estadual, através da cafeicultura, pode impulsionar-se em decorrência de uma infraestrutura de comercialização já implantada. Disto resultou a possibilidade de industrialização de produtos agrícolas, particularmente concentrando-se na sub-região de Bauru, no período de 1950-1960. Face às alterações na região como um todo, a população rural foi diminuída sem que fosse absorvida pelo setor urbano. Em 1970, houve um sensível crescimento citadino e, em consequência, novo esvaziamento rural.

No tocante especificamente à sub-região de Bauru, houve uma expansão crescente da pecuária, o que ocasionou o êxodo do campo. Por outro lado, as oportunidades de trabalho nas cidades nem sempre foram propícias, resultando disso que os trabalhadores permanentes da zona rural foram substituídos por volantes ou sazonais, que vivem nas periferias urbanas, em condições precárias. Ainda mais, o incremento das atividades secundárias e terciárias proporciona uma atração dos rurícolas no sentido do polo urbano (3).

III. A Reserva

As terras do Araribá foram demarcadas em 1910, sendo cedidas, pelo governo do Estado de São Paulo ao Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (4). Situada nas cercanias de Jacutinga, atual cidade de Avaí, já estava efetivada desde o início de 1911, sob a denominação de "Povoação Indígena do Araribá" (5). Em 1912 o Inspetor Luiz Bueno Horta Barboza solicitou ao secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, a doação da fazenda Laranjinha (Laranjeiras?), que teria uma área de 800 alqueires, para uni-la à fazenda Araribá, cuja extensão atingiria 400 alqueires. O argumento apresentado era a contiguidade es-

(3) Cf. Diagnóstico da 7.ª Região Administrativa, 1972.

(4) "(...). A Povoação Indígena do Araribá, estabelecida em terras cedidas pelo Governo do Estado, funciona desde 1911 (...). Trecho de uma carta enviada pelo Inspetor L. B. Horta Barboza ao Sr. Redator do Correio Paulistano, publicada em edição de 23-12-1914).

(5) As denominações recebidas e as respectivas datas são as seguintes: Povoação Indígena Araribá 1911-1945; Posto Indígena Curt Nimuendajú 1945-1960; Posto Indígena Capitão Iacri 1960-1969; Posto Indígena Araribá a partir de 1969.

pacial e o fato de ambas serem propriedades do Estado (6). Em 1913 o Presidente da República, Conselheiro Rodrigues Alves, reservou essa gleba para "localização de índios" (7). Atualmente sua área mede 830 alqueires (8), sendo seus limites: norte e leste, "bairro" Laranjeiras; sul, "bairro" Anhumas e Barrocoão; oeste, "bairro" Barrocoão (ver mapa n.º 3). É administrada através do Posto Indígena Araribá, que está sob a jurisdição da 4.ª Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio, cuja sede é em Curitiba (9) e supervisionado pela chamada "Ajudância de Bauru" (10), representante da FUNAI no Estado de São Paulo (11).

No Posto Indígena Araribá além do encarregado, há um atendente de enfermagem, um tratador (apenas nominal) e um trabalhador. Eventualmente, para trabalhos de duração determinada, são contratados diaristas, moradores da Reserva. O P.I. carece de melhores condições objetivas para cumprir as funções a que se propõe. Faltam-lhe recursos humanos e materiais. Como entidade empregadora tem raras possibilidades; sua capacidade assistencial é diminuta, o mesmo acontecendo como agente controlador das relações de trabalho. Contudo, ainda se constitui numa espécie de anteparo entre as culturas tribais em seu convívio com os regionais vizinhos.

(6) Cf. Ofício enviado ao Exm.º Sr. Dr. Paulo de Moraes Barros, M.D. Secretária da Agricultura, pelo Sr. Luiz Bueno Horta Barboza, Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais, em 9 de julho de 1912.

(7) "(. . .). As terras do Araribá, medidas e demarcadas por engenheiro do Estado em 1910, foram conservadas para localização de índios pelo Presidente Conselheiro Rodrigues Alves . . . Decreto n.º 2.371 — F de 28 de abril de 1913" (Trecho de uma carta enviada pelo sr. Nicolau Bueno Horta Barboza ao sr. redator do Jornal "A Platéia", São Paulo, em 3 de dezembro de 1930 e publicada na edição do dia seguinte).

(8) Cf. Relatório do ex-encarregado Antonio Alves de Menezes de 20-2-1972 (Arquivos do P.I. Araribá).

(9) Antes estava vinculada à 5.ª Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios, sediada em Campo Grande (MT).

(10) A "Ajudância de Bauru", tem sua sede na cidade de São Paulo, à Rua Capital Federal n.º 309, bairro do Sumaré. Na década de 1960 esteve sediada, algum tempo, na cidade de Tupã.

(11) A atuação da "Ajudância de Bauru" abrange os Postos Indígenas do Araribá (município de Avaí), Icatú (município de Brauna) e Vanuíte (município de Tupã). Nos dois últimos vivem remanescentes Kaingang.

IV. Os Dois Grupos Tribais

1. Guarani

Em território brasileiro, os *Guarani* (12) estão assim representados:

- a) *Nandéva*. Autodenominação de todos os *Guarani*. Vivem em duas aldeias do litoral paulista: Itariri e Bananal; no Posto Indígena Araribá, município de Avaí (São Paulo). Dourados e Jacaréi ou Porto Lindo, no Estado de Mato Grosso.
- b) *Mbiá*. Autodenominação dos *Guarani* chamados *Kainguá*, *Kaiuá*, etc. Vivem em duas aldeias: Rio Branco e Rio Comprido, ao sul de Santos. Alguns grupos habitam o oeste do Estado de Santa Catarina e Paraná (Xapecó, Palmeirinha, etc.).
- c) *Kayová*. Conhecidos também pelos designativos de *Teüü* e *Tembekuá*. Vivem no sul do Estado de Mato Grosso (Dourados, Panabi, Teicuê, Taquapiri, Amambai, etc.). Não empregam a autodenominação *Guarani* em presença de estranhos.

Neste trabalho o termo *Guarani* engloba os falantes da língua tupi que vivem na Reserva Indígena Araribá, sejam eles os remanescentes dos *Nandéva*, dos *Kaiová*, etc. (13). Isto porque, aparentemente, eles se constituem num grupo homogêneo (14).

(12) Cf. Schaden, 1962: 10-11.

(13) Inclusive aqueles indígenas oriundos do P.I. Guido Marlière, situado no município de Resplendor, no Estado de Minas Gerais, para onde foram trasladados pelo antigo Serviço de Proteção aos Índios e chegados ao P.I. Araribá há vinte anos atrás.

(14) Aludindo a essa tendência e fazendo menção àquele *Guarani* do Araribá, Schaden afirma que: ". . . Em alguns núcleos, o convívio de famílias *Nandéva*, *Mbüa*, *Kaiová* levou a tão intenso processo de homogeneização (como, por exemplo, na aldeia Araribá) que desses grupos hoje se torna impossível distinguir com o necessário rigor as linhas divisórias entre uma subcultura e outra . . ." (Cf. ob. cit., 1962: 21).

Logo após a instalação da “Povoação Indígena do Araribá”, chegaram indivíduos de várias subculturas *Guarani* (15), porém um primeiro núcleo já vivia nos “sertões de Bauru” desde o século passado. As peripécias de sua migração do Estado de Mato Grosso até aí foram levantadas e narradas por Nimuendajú, que, inclusive, confeccionou um mapa das regiões percorridas e habitadas por eles no Estado de São Paulo (16).

Em julho de 1974, totalizavam 56 pessoas, 30 do sexo masculino e 26 do sexo feminino, distribuídas em nove grupos domésticos, sendo um de uma geração, sete de duas gerações e um de três gerações.

2. *Terena*

Os *Terrena*, subgrupo Guaná, da língua Aruak, constituem o maior grupo tribal do sul de Mato Grosso. Vivem nos Postos Indígenas Cachoeirinha e Lalima e nas aldeias Passarinho, Moreira e União, no município de Miranda; nos Postos Indígenas Taunay e Ipegue e nas aldeias de Limão Verde e Aldeinha, no município de Aquidauana; nos Postos Indígenas Capitão Vitorino (Brejão), em Nioac; no Posto Indígena Buriti, em Sidrolândia; no Posto Indígena Francisco Horta, em Dourados; no Posto Indígena Presidante Alves, junto aos *Kadiwéu* e no Araribá, este último em São Paulo (17). Aqui começaram a chegar, em grupos familiares, a partir de 1932. Neste ano, a primeira leva era constituída de vinte e um indivíduos, entre adultos e menores, sendo onze do sexo masculino e dez do sexo feminino (18). Tempos depois, doze deles, seis de cada sexo, regressaram a Mato Grosso. Posteriormente outros chegaram isoladamente ou em grupos de parentela. Em 1930 haviam chegado ao Araribá dois homens *Terena*. Um deles, Luciano, funcionário do então S.P.I., foi transferido para Campo Grande e o outro, Calixto, passou a trabalhar numa fazenda no município de Duartina como motorista, profissão em que se aposentou em 1970. Entre os componentes da primeira leva de 1932 estava Teotônio Pio, que exerceu

(15) “A povoação do Araribá, constituída com o fito de localizar os índios semi-civilizados que se espalhavam pelos pequenos núcleos de Jacutinga, Itaporanga, Pirajú, Salto Grande e em várias povoações do litoral, como S. Vicente, Itariri, Bananal e Aguapé — foi a princípio apenas o abrigo de um grupo de guaranis, cuja principal rancharia assentava-se perto da confluência do córrego Araribá e do rio Batalha” (Cf. “A Noite”, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1931).

(16) Cf. Nimuendajú, 1954.

(17) Cf. Ribeiro, 1957: 92 e Oliveira, 1960: 73-74.

(18) Informação do Sr. Antonio Silva, vulgo “Araújo”.

o cargo de “capitão” até seu falecimento em outubro de 1973. Em julho de 1974, havia um total de 176 pessoas, sendo noventa e uma do sexo masculino e oitenta e cinco do sexo feminino, distribuídas em trinta e dois grupos domésticos, dos quais dois de uma geração: vinte e oito de duas gerações e dois de três gerações.

3. *Semelhanças e Contrastes*

Os *Guarani* e os *Terena* do Araribá chegaram ao Estado de São Paulo, provenientes do sul de Mato Grosso, em períodos diferentes, por motivos diversos. Os *Guarani* migraram por iniciativa própria, motivados pelos seus padrões culturais; enquanto que os *Terena* foram mudados de seu habitat através do incentivo do Serviço de Proteção aos Índios. Pode-se dizer que uns e outros estão em vias de integração (19). Conservam o conhecimento de seus próprios idiomas, mas falam o português que se constitui numa espécie de língua franca. Apenas seis mulheres *Terena* e duas *Guarani* têm maiores dificuldades em se expressar no vernáculo, embora possam entendê-lo (20).

Os componentes de ambos os grupos indígenas procuram assemelhar-se aos regionais vizinhos, tanto nas técnicas e instrumentos de trabalho, quanto na indumentária e alimentação. Consideram-se, porém, diferentes do “civilizado” ou “nacional” (21), identificando-se como “índio” e explicitando o nome do grupo tribal a que pertencem.

Os *Terena* e os *Guarani* do Posto Indígena Araribá identificam-se em vários aspectos:

- a) são indígenas e são vítimas de estereótipos;
- b) estão submetidos a uma mesma situação interétnica;

(19) “A integração não requer que todos os indígenas se transformem em não indígenas. Possivelmente este será seu destino, já que o processo americano de aculturação decorre de uma situação de contacto cultural, na qual a cultura dominante é a não-indígena. Porém a integração pode se dar muito antes que a ‘desindigenização’ se complete, e ainda poderia se dar sem se completar nunca” (Ribeiro, 1960: 13).

(20) Sobre os *Guarani* há entre outros, os seguintes trabalhos: Métraux (1963), Nimuendajú (1954), Schaden (1962), Watson (1952). A respeito dos *Terena* citam-se: Altenfelder Silva (1949), Oberg (1949), Oliveira (1960 e 1968).

(21) Os indígenas da Reserva Araribá, identificam os não índios pelos termos “civilizado” e/ou “nacional”.

- c) falam e entendem a língua portuguesa, ao lado dos seus respectivos idiomas;
- d) são inadaptados ao padrão de cultura a que estão irremediavelmente submetidos;
- e) a terminologia de parentesco, na geração de Ego, é do tipo havaiano, para ambos os grupos tribais;
- f) são dependentes política e economicamente da sociedade dominante.

Por outro lado, os contrastes que apresentam podem ser assim resumidos :

- a) línguas e culturas diferentes;
- b) ênfase na religião nativa, dada pelos *Guarani*; maior aceitação da religião católica pelos *Terêna*;
- c) os *Guarani* migraram objetivando concretizar seu ideal religioso; enquanto que a migração dos *Terena* foi principiada pelo órgão protetor;
- d) Os *Guarani* antes do contato com os brancos foram sempre independentes; mas os *Terêna* haviam sido vassallos dos *Guaikuru*;
- e) o *nhanderú*, líder religioso dos *Guarani*, recebe suas atribuições como um dom divino; o *koixomoneti*, xamã dos *Terena*, depende de aprendizado;
- f) os *Guarani* relutam em adaptar-se ao convívio com os civilizados; já os *Terêna* não oferecem resistência.

IV. Atividades Econômicas

Os habitantes da Reserva, tanto os *Guarani* quanto os *Terêna*, participam da economia nacional, notadamente por meio de sua relativa incorporação ao sistema monetário. Sua integração no segmento da sociedade regional, do ponto de vista sócio-econômico está se dando, principalmente, pela venda de sua força de trabalho em atividades braçais. Através deste expediente, eles procuram suprir as suas necessidades cotidianas, embora com deficiência. Quando os regionais diminuem a procura de mão-de-obra, as consequências são negativas para os indígenas. Os poucos que conseguem ser chamados, sofrem rebaixamento de diárias. Disso advém um mal-estar, em virtude das dificuldades materiais, uma vez que grande parte depende do ganho fora da Reserva.

Os indígenas da Reserva dedicam-se à agricultura para o seu sustento e/ou, em alguns casos, para venda. Cultivam feijão, mandioca, arroz, abóbora, milho, etc. As roças, via de regra, são replantadas anualmente nos mesmos lugares e podem conter duas ou mais espécies de vegetais simultaneamente. Em geral, nem mesmo são bastante para a subsistência. Para que os indígenas fossem auto-suficientes, seriam necessários instrumentos agrários e fertilizantes que estão fora de seu alcance. Torna-se difícil cultivar grandes extensões, devido ao trabalho externo a que se dedicam homens e mulheres, no vizinho mercado de atividades braçais.

Nos primeiros anos da década de 1960 o *Terêna* Sérgio Lipú fez o primeiro "ranchão", para dedicar-se à sericicultura (22). Em 1974 os componentes de oito grupos domésticos *Terêna* e um *Guarani* estavam se empenhando nesse mister. Contudo, apesar de ser potencialmente um meio de obtenção de mais dinheiro, os indígenas têm conseguido pouco êxito nessa atividade, com exceção de uma ou outra safra. Além disso, a falta de capital obriga-os a solicitar financiamento, na base da "conta-corrente", numa fiação de Duartina, onde recebem "sementes" e adiantamentos em dinheiro. Embora "criar bicho-da-seda" esteja, idealmente, ao alcance de todos os moradores da Reserva, o seu custo exclui a maioria da população do acesso à propriedade dos meios de produção (23).

Há diferença de padrão de vida entre os *Guarani* e os *Terêna*. Estes têm preocupação em assemelhar-se ao branco, tendo como modelo de referência os regionais; alguns deles destinam parte de seus produtos agrícolas ao comércio. Aqueles se apresentam menos interessados nas coisas materiais.

V. Interação Intertribal

No Araribá, a interação entre ambos os grupos tribais é efetivada pela própria situação a que foram compelidos a enfrentar, i.e. viver lado a lado, sob o controle do órgão assistencial. Os *Guarani* que já viviam no Araribá, logo depois de instalada a "Povoação Indígena", tiveram sua população aumentada devido à chegada de outros indivíduos desse grupo. Às vezes, porém, era dimi-

(22) Há uma referência à sericicultura em 1930, ano em que a produção atingiu a mil quilos de casulos, aparentemente de iniciativa do órgão protetor (Cf. "A Noite", Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1931).

(23) Mesmo dispondo do usufruto da terra, os sericultores necessitam financiar-se, dependendo o pagamento da boa ou má safra. O *Terêna* Lúcio de Souza, em 1973, o único que conseguiu um empréstimo bancário (Cr\$ 1.500,00), teve como fiador um gerente de fiação, tendo dificuldades em resgatar o débito.

nuída, em consequência da saída e/ou epidemias (ver tabela n.º 1). Os *Terena* trazidos pelo S.P.I. tiveram seu contingente populacional aumentado em decorrência do próprio crescimento vegetativo e, também, pela vinda de outras pessoas (ver tabela n.º 2).

Os casamentos intertribais são numericamente reduzidos. Nos primeiros anos da década de 1930 um *Terêna* e uma *Guarani* uniram-se, mas pouco tempo depois separaram-se, voltando o homem para a sua aldeia. Desse casamento resultou apenas uma filha, a qual hoje se identifica com a etnia materna. Em 1952 houve um casamento de um *Terêna* com uma *Guarani*; posteriormente, em 1962 e 1966, respectivamente, dois outros homens *Terêna* uniram-se com mulheres *Guarani*. Um destes casais separou-se em 1974, amasiando-se a mulher com um civilizado residente fora da Reserva, e o homem fugindo com uma viúva *Guarani*, para uma fazenda. Nesse mesmo ano (1974), houve duas novas ligações matrimoniais, desta vez dois *Guarani* com duas *Terêna*. Um dos casais separou-se meses depois. Fora isso, houve a fuga de um *Guarani* com uma *Terêna*, ambos casados, mas que após cerca de um mês voltaram ao Posto, reconciliando-se com seus respectivos cônjuges.

Uns e outros, se indagados, dizem nada ter contra ninguém. Contudo, os *Terêna* consideram-se discriminados pelos *Guarani* pois, devido ao fato de terem chegado por último, são considerados intrusos. Os *Guarani*, por sua vez, dizem-se magoados pela preferência que teriam os *Terêna*, frente aos dirigentes do Posto Indígena. A vivência entre os componentes de ambos os grupos tribais é mantida sem discórdias aparentes, mas conservando um afastamento espacial e principalmente social. Na verdade há um antagonismo entre os dois grupos tribais, mas que se manifesta apenas pelas explosões emocionais. Assim, para os *Guarani* a dança do "bate-pau" (*kohixotí-kipahê*) seria "um verdadeiro carnaval", enquanto que para os *Terêna* a cerimônia religiosa do *mongarái* não passaria de "um saravá".

VI. Indígenas e Regionais

As relações de contato dos *Guarani* e dos *Terêna*, são mais acentuadas com aqueles regionais que habitam as proximidades da Reserva. Na qualidade de mão-de-obra braçal, é que está ocorrendo sua participação nesse segmento rural de nossa sociedade. Aliás, eles estão em condições de concorrer com os brancos, trabalhadores volantes, no mercado de trabalho agrícola sazonal.

Não há uma situação conflitiva entre os regionais e os indígenas do Araribá, mas a vivência entre uns e outros não exclui a manifestação de recíproco preconceito (24).

Os contatos interétnicos são feitos com a vizinhança rural (fazendeiros, sitiante, meeiro, etc.) e cidades próximas (particularmente Duartina e Avai), através de relações de trabalho, de comércio e de atividades lúdicas. É por intermédio do sistema monetário brasileiro que participam, como um todo, da sociedade regional. Do ponto-de-vista econômico, sua integração vem ocorrendo através de sua força de trabalho. Não possuindo condições para fazerem roças que garantam sua subsistência, a maioria da população da Reserva fica na dependência de oportunidades de ganho oferecidas pelos vizinhos. Em geral o engajamento é feito como diarista, porém alguns acertam empreitadas. Através desse expediente conseguem suprir sua alimentação e outras necessidades imediatas. Devido ao êxodo rural das fazendas e sítios próximos da Reserva, seus moradores passaram a ser substitutos naturais daqueles. Mas, o período em que seu trabalho é mais requisitado na lavoura é curto (janeiro, julho e dezembro), pois aos regionais interessa sua mão-de-obra apenas nas épocas das fainas agrícolas.

VII. Conclusão

No decorrer desta comunicação, ficou patente que há duas situações de interação: intertribal e interétnica. No primeiro caso verifica-se uma oposição entre os dois grupos tribais; no segundo ambos os grupos indígenas, como um conjunto, opõem-se aos civilizados. Assim sendo, apresenta-se uma determinada ambigüidade de comportamento entre os *Guarani* e os *Terêna*. Diferenciam-se reciprocamente e, ao mesmo tempo, assemelham-se, ao enfatizar sua condição de "índio", i.e., diferente dos brancos. O antagonismo das

(24) "As manifestações de preconceito, tais como as barreiras raciais, os estereótipos ou as ideologias raciais são fenômenos que exprimem situações reais de contato entre grupos diversos, mas elas não são inteligíveis a não ser quando a análise ultrapassa essas manifestações fenomênicas e atinge raízes, que não são étnicas, raciais, ou culturais, ainda que se expressem nessa esfera . . . Somente quando inscrevemos estas manifestações no âmbito da estrutura econômico-social em que elas ocorrem é que adquirimos uma compreensão precisa do seu sentido essencial" (Cf. Ianni, 1962: 88-106).

classes sociais da sociedade envolvente (25) encontra sua recíproca nas contradições de cada grupo social e, simultaneamente, naquelas existentes na sua vivência conjunta.

A reduzida população indígena e o convívio sistemático com os civilizados constituem os fatores preponderantes que afetam as condutas de ambos os grupos tribais. Deste modo, os seus membros ficam à mercê das alternativas que, de imediato, se apresentam para o equilíbrio dos seus sistemas sociais (26). O certo é que nem uns nem outros podem mudar esse estado de fato. Como um todo são discriminados, seja pelos funcionários do Posto, seja pelos regionais. Pressionados pelas circunstâncias, tentam adaptar-se aos padrões culturais da sociedade envolvente que defrontam cotidianamente, mas sem abdicar dos elementos cruciais de seus próprios sistemas sociais.

SUMMARY

This work presents the existing panorama in the Araribá Indian Post located in Duartina, a county of São Paulo state. It reports the compulsion suffered by the Terena and the Guarani Indian groups settled there and the interaction between the two Indian groups and the surrounding regional society.

(25) "No puede dejar-se de insistir que el carácter clasista y el carácter colonial de las relaciones interétnicas son dos aspectos intimamente ligados de un mismo fenómeno. Se distinguen aquí sólo para fines de análisis. Las relaciones de clases se han desarrollado paralela y simultaneamente con las relaciones coloniales, y tienden más y más a desplazarlas. Pero el carácter colonial de las relaciones interétnicas imprime a las relaciones de clases características particulares y tienden a frenar su desarrollo" (Cf. Stavenhagen, 1963: 100).

(26) "Reduzido aos seus termos mais simples, um sistema social consiste numa pluralidade de atores individuais interagindo mutuamente numa situação que tem pelo menos um aspecto físico ou ambiental. Os atores são motivados relativamente a uma tendência ao máximo de satisfações, e a relação de cada qual com sua situação e com os outros é definida e mediatizada por um sistema comum de símbolos culturalmente elaborados" (Parsons, Talcott, apud Ianni e Cardoso, 1961: 61-62).

TABELA N.º 1

POPULAÇÃO GUARANI (1906-1974)

| ANO | masc. | fem. | TOTAL |
|----------|-------|------|-------|
| 1906 (1) | ? | ? | 67 |
| 1911 (2) | ? | ? | 40 |
| 1912 (2) | ? | ? | 125 |
| 1913 (3) | ? | ? | 300 |
| 1914 (4) | ? | ? | 300 |
| 1916 (5) | 113 | 119 | 232 |
| 1919 (2) | ? | ? | 200 |
| 1931 (6) | ? | ? | 300 |
| 1932 (7) | 35 | 34 | 69 |
| 1941 (7) | 32 | 33 | 65 |
| 1945 (7) | 42 | 37 | 79 |
| 1947 (8) | ? | ? | 73 |
| 1949 (7) | 36 | 30 | 66 |
| 1953 (7) | 58 | 33 | 91 |
| 1957 (2) | 24 | 21 | 45 |
| 1964 (7) | 20 | 22 | 42 |
| 1972 (9) | 24 | 26 | 50 |
| 1973 (9) | 28 | 24 | 52 |
| 1974 (9) | 31 | 25 | 56 |

(1) Cf. Nimuendajú, 1954.

(2) Cf. Arquivos do Posto Indígena Araribá.

(3) Cf. "O Estado de São Paulo", 23-12-1913.

(4) Cf. Correio Paulistano, 23-12-1914.

(5) Cf. Horta Barboza, 1954: 59. O autor incluiu uma "pessoa" Oti, sem indicar o sexo. Este total refere-se a 31-12-1916; a mesma fonte menciona 205 indivíduos em 1.º-01-1916.

(6) Cf. "A Noite Ilustrada", Rio 28-10-1931.

(7) Cf. Arquivos do Museu do Índio (Rio de Janeiro).

(8) Cf. Schaden, in Nimuendajú, 1954: 56.

(9) Dados colhidos diretamente.

TABELA N.º 2

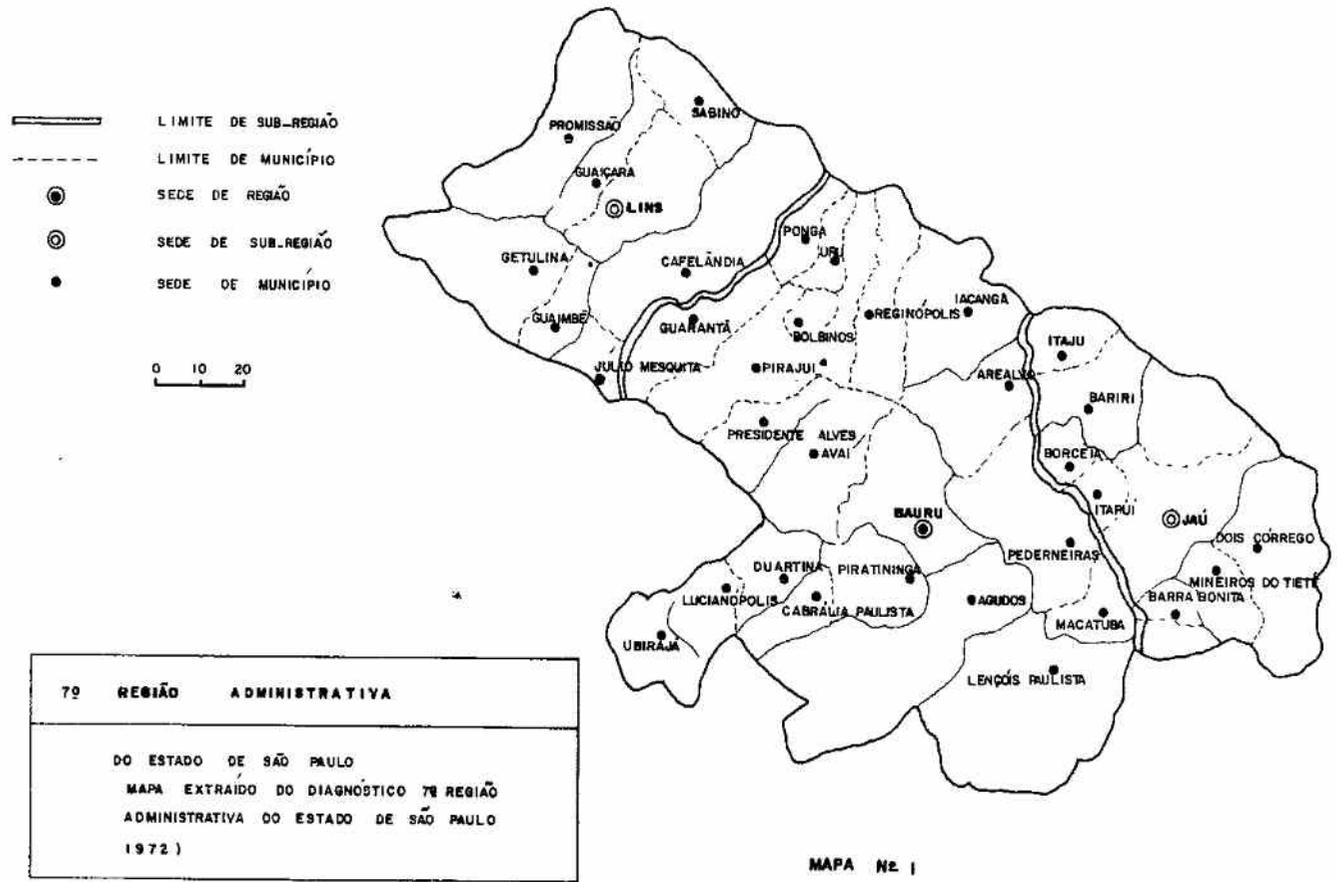
POPULAÇÃO *TERÊNA* — 1932-1974

| ANO | masc. | fem. | TOTAL |
|----------|-------|------|-------|
| 1932 (1) | 40 | 30 | 70 |
| 1941 (1) | 38 | 29 | 67 |
| 1945 (1) | 52 | 30 | 82 |
| 1949 (1) | 45 | 41 | 86 |
| 1957 (2) | 56 | 50 | 106 |
| 1964 (1) | 106 | 120 | 226 |
| 1972 (3) | 92 | 85 | 177 |
| 1973 (3) | 91 | 77 | 168 |
| 1974 (3) | 91 | 85 | 176 |

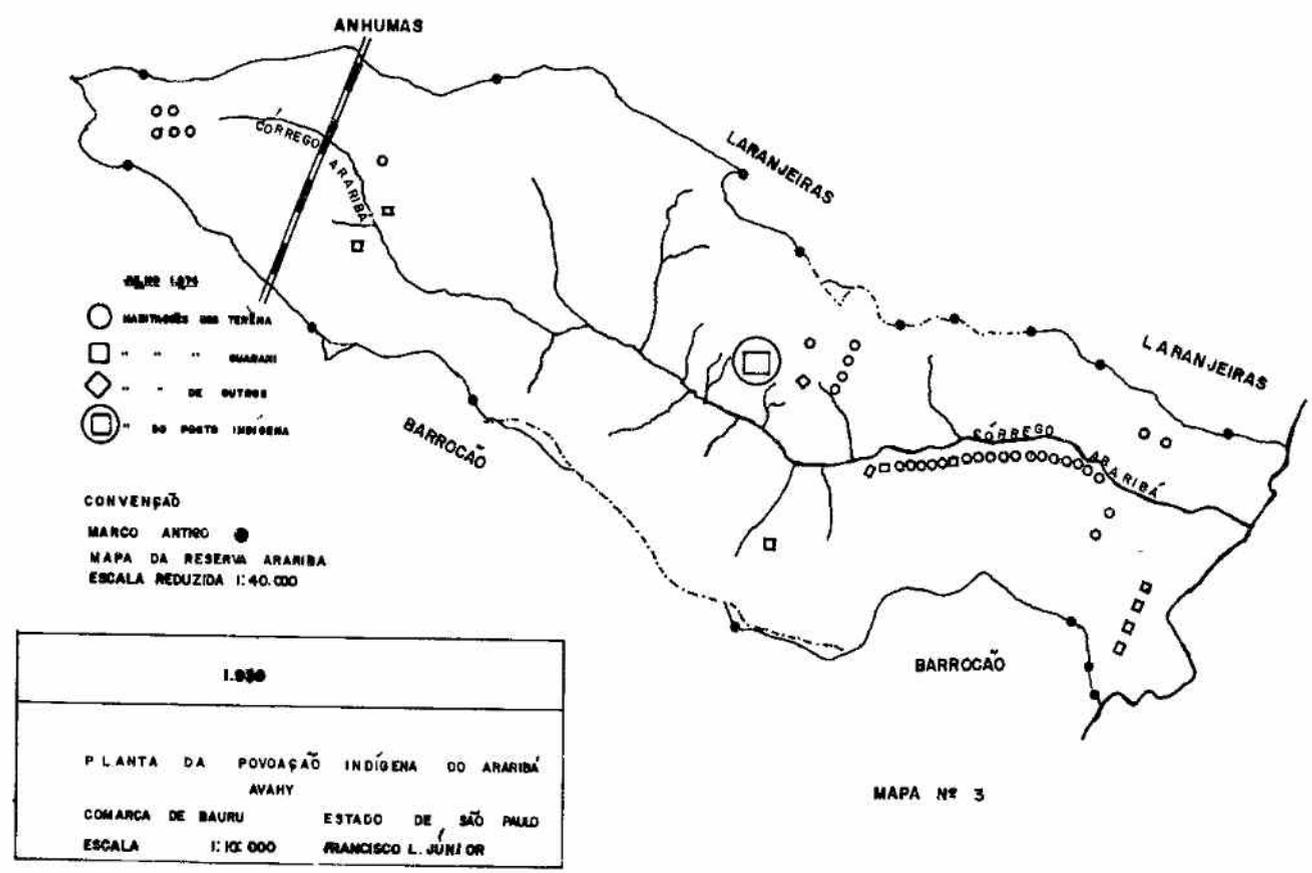
(1) Cf. Arquivos do Museu do Índio (Rio de Janeiro).

(2) Cf. Arquivos do Posto Indígena Araribá.

(3) Dados colhidos diretamente.







BIBLIOGRAFIA CITADA :

- BARBOSA, L. B. Horta. Relatório dos trabalhos realizados pela Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais em São Paulo, durante o ano de 1916. *Revista do Museu Paulista*, n.s.; 8: 59-64, 1954.
- METRAUX, Alfred. "The guarani". In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington, 143 (3): 69-94, 1948.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Apontamentos sobre os guarani. *Revista do Museu Paulista*, n.s.; São Paulo, 8: 9-57, 1954.
- OBERG, Kalervo. *The Terena and the caduveo of Southern Mato Grosso — Brazil*. Washington, 1949. 69 p. (Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology. Publicação9).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1960. 160 p. il.
- PARSONS, Talcott. "The social system". In: IANNI, Octavio & CARDOSO, Fernando H. *Homem e sociedade*. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1961. p. 59-62.
- RIBEIRO, Darcy. Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 2 (6): 1-102, 1957.
- RIBEIRO, Darcy et alli. Un concepto sobre integración social. *América Indígena*, México, 20 (1): 7-13, 1960.
- SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. 2.ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960. 109 p. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).
- SILVA, Fernando Altenfelder. Mudança cultural Terena. *Revista do Museu Paulista*, n.s.; São Paulo, 3: 271-379, 1949.
- WATSON, James B. Cayuá culture change: A study in acculturation and methodology. *American Anthropologist*, 54 (2), 1952. 144 p. il. (Memoirs 73).

DINIZ, Edson Soares. Araribá: uma reserva em São Paulo. *Boletim do Museu do Índio: antropologia*, Rio de Janeiro (5): 1-16, set., 1976. Bibliografia.

CDU 325.45(81)
39(815.5=1-82)

MUSEU DO ÍNDIO, Rio de Janeiro.
t.

Impresso sob o patrocínio do Departamento
de Assuntos Culturais do Ministério da
Educação e Cultura.

1
2
3

4
5
6

Composto e impresso na
Raval Artes Gráficas Ltda.
Rua Conselheiro Zacarias, 11 e 13
Praça da Harmonia - Tel. 223-0386
Rio de Janeiro